

Intelectuais Negros e Memória: Tradição e Insurgência

Marluce de Lima Macêdo¹

Resumo: A história emerge dos “seus” sujeitos: em experiências, discursos e perspectivas. Toda memória-história é produzida a partir dessa “localização”, o que permite afirmar a existência de diferentes histórias e memórias. Os grupos e os indivíduos produzem memórias e conhecimentos por meio dos significados e pelas representações que dão sentido às suas experiências e àquilo que são. Os discursos e os sistemas de representação sobre a memória constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos se posicionam e falam. Essa reflexão debruçar-se-á sobre memória, tradição e insurgência na produção de “intelectuais negros”, num exercício que busca pensar uma (re)configuração dos quadros da memória, afirmando outros campos de produção de conhecimentos criados e protagonizados por esses grupos; saberes e experiências negados ou/e invisibilizados pelos grupos hegemônicos.

Palavras chaves: Intelectuais negros; memória; insurgência.

Abstract: The history comes from “its” characters: in experiences, speech and perspective. Every memory-history is produced from this “location”, so we can state the existence of different histories and memories. The peoples and people produce memories and knowledge by mean of meanings and by representations which give sense to its experiences and what they are. The speeches and the representation systems about memory make places from whom people position themselves and speak. This reflection will discuss about memory, tradition and insurgence in “black intellectuals” production, which has as objective think about in memory field (re) configuration, and it states other knowledge production fields which are created and acted by those people; refused knowledge and experiences or/and concealed by dominant groups.

Key words: black intellectuals; memory; insurgence.

Nossa tarefa, entretanto, continua sendo mostrar como a intervenção histórica se transforma através do processo significativo, como evento histórico é representado em um discurso de algum modo fora de controle

Homi Bhabha

Introdução

A memória enquanto dimensão produtora da história, também é produzida por esta, na medida em que os seus personagens são os próprios sujeitos históricos, ou seja, aqueles que lhe dá vida e constroem significados para a mesma. A história emerge dos “seus” sujeitos: em experiências, discursos e perspectivas.

¹ Licenciada e Especialista em História, Mestra em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB e Professora dessa Universidade.

A memória, portanto, produz conhecimentos diversos e ao mesmo tempo é produzida por múltiplos conhecimentos e linguagens. Os grupos e os indivíduos produzem memórias e conhecimentos por meio dos significados e pelas representações que dão sentido às suas experiências e àquilo que são.

Os discursos e os sistemas de representação sobre a memória constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos se posicionam e falam.

Partindo desse pressuposto, essa é uma reflexão inicial sobre memória, tradição e insurgência na produção literária de “intelectuais negros” - oriundos de grupos não hegemônicos, ou seja, grupos que não detiveram historicamente o poder central, discriminados historicamente, afirmando outros campos de produção de conhecimentos criados e protagonizados por esses grupos; saberes e experiências negados ou/e invisibilizados pelos grupos hegemônicos.

Tal reflexão parte do questionamento à tradição epistemológica que privilegia explicações e projetos universalistas para a humanidade, desconsiderando suas diferentes experiências de produzir e se relacionar com os conhecimentos produzidos, conformando uma problemática que considero extensa e significativa no atual contexto, quando os debates sobre memória e tradição confluem para o respeito à diversidade, na negação das representações monológicas de uma memória histórica referendada por categorias duais, que toma “isso ou aquilo” como princípio explicativo para todas as coisas.

Questões como: O que são “intelectuais negros”? Historicamente, como tem se configurado a produção de “intelectuais negros” em relação às formas de produção e disseminação dos conhecimentos hegemônicos? Em que medida tradição e insurgência se encontram presente/ausente nas produções dos intelectuais negros? Parece-me, a meu ver, nos conduzir a seguinte indagação de MALDONADO-TORRES (2006, p. 125): “[...] o que ocorre quando alguém que é considerado objeto se torna sujeito? [...]”

Assim, pensando essas questões de forma extensiva, a idéia é refletir sobre o quanto esse “alguém-objeto”, significa assim para o outro e não para si próprio. Ou mesmo, o quanto essa “alguém-objeto” para o outro, se torna sujeito na sua subjetividade criativa, tornando-se assim irremediavelmente “alguém-sujeito” para o outro na medida em que projeta o seu pensamento para além das fronteiras do seu ser.

A priori, podemos considerar o trabalho de alguns intelectuais negros como uma contribuição para o (re)conhecimento e a valorização das expressões culturais e das memórias do povo negro, na efetivação de um campo de disputa para que as produções e análises acerca das histórias dessas populações fossem acolhidas em círculos acadêmicos

ou políticos já afirmados, sem maiores enfrentamentos com os seus postulados ou princípios orientadores.

No entanto, esses discursos são de “autoria negra”, o que nos oferece a percepção dos negros como agentes, sujeitos históricos e intelectuais – algo em contramão aos referenciais colocados na memória configurada pelo racismo moderno e, portanto geralmente em dissonância com os fundamentos hegemônicos das nossas instituições.

Parafraseando o importante historiador africano Ki-Zerbo (2006), apresento aqui uma idéia de história que talvez inclua de forma decisiva a “autoria” de grupos negros (e não negros) nos seus diversos posicionamentos ou localizações: A afirmação é de que a história anda sobre dois pés, o da liberdade e da necessidade, onde continuidades e rupturas se dão continuamente e simultaneamente; a liberdade refere-se a capacidade que todo ser humano tem de inventar e a necessidade representa as estruturas sociais, econômicas e culturais, que vão se instalando, ainda quando de forma subterrâneas para formar o novo.

Segundo esse autor, não podemos separar a “história-necessidade” da “história-invenção” – se a primeira pode escapar-nos e mais cedo ou mais tarde se impõe por si própria, a segunda, impele-nos para algo que não foi ainda catalogado, que não foi visto, e que subitamente é trazido à tona por um grupo – isto quer dizer que nem todas as portas estão fechadas a cadeado, haverá sempre uma abertura por onde adentrar e mudar o que está colocado.

Essa reflexão é resultante de um estudo sistematizado de fontes bibliográficas. Como método orientador da leitura, o *dialogismo*, no qual, o princípio dialógico acredita tudo em confronto, em diálogo, valorizando a manifestação de diferentes vozes.

Não há palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados, de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos [...] (BAKTHIN, 2002, p. 386).

O conhecimento produzido de forma dialógica é atravessado pela polifonia, onde o dialogismo se deixa ver através das múltiplas vozes presentes e percebidas, não só nos textos/discursos que o constituem, mas, também na aplicabilidade desses, em oposição a uma produção afirmada como monofônica que esconde os diálogos, ou recusa aqueles que podem (des) construí-la.

Memória e tradição: o “lugar” da experiência

Tradição e memória das populações negras são sem dúvida temáticas recorrentes em minha vida: como a marca de uma experiência vivenciada e como um campo de estudo, uma problemática em aberto, diálogos e caminhos iniciados, sempre inacabados ou desafiados por uma nova encruzilhada.

A Tradição - entendida como aquilo que um povo tem como formas de vivências e de representação coletiva, fundada nos saberes historicamente reconhecidos, que fundamenta práticas, comportamentos sociais e visões de mundo - no que diz respeito aos conhecimentos produzidos pelos(as) negros(as) seguramente tem se constituído numa importante fonte de inspiração e investigação para a realização de pesquisas e concepções no campo temático das relações raciais, principalmente no que diz respeito às culturas negras ou afro-brasileiras.

Grande parte das produções de intelectuais negros diz respeito às manifestações de tradições, reconhecidas como práticas e conhecimentos hegemônicas por grupos ou comunidades de negros e negras.

Alguns trabalhos sobre essas tradições têm produzido conhecimentos que podem ser entendidos conforme o que Bhabha (2003) define como uma lógica da tradução, um lugar que ultrapassa as bases de oposições binárias, onde a construção de determinado objeto que é novo, não é nem um e nem outro. Segundo esse autor, “o processo de tradução é a abertura de um outro lugar cultural e político de enfrentamento no cerne da representação colonial” (Bhabha, 2003, p.62).

Toda tradição está inscrita no terreno da memória, envolvendo dessa forma reconstruções e transformações de experiências lembradas, girando em torno de relações que dizem respeito ao passado e presente, à memória e identidade.

As memórias guardadas pelas experiências das populações negras, sobreviventes ao processo colonizador, desumano e homogeneizante, são memórias marcadas pelas dores, enfrentamentos e desenraizamentos característicos das experiências de diásporas e escravidão.

Essas memórias tecidas ainda que em fragmentos, apontam para importantes aspectos da vida cotidiana, da tradição cultural e da história em geral desses grupos.

Pensar como se deu os enfrentamentos, diálogos e traduções com outros saberes e modos de vida, envolve:

[...] a difícil tarefa de tentar compreender as reproduções das tradições culturais não na transmissão tranqüila de uma essência fixa ao longo do tempo, mas nas rupturas e interrupções que sugerem que a invocação da tradição pode ser, em si mesma, uma resposta distinta, porém oculta, ao fluxo desestabilizante do mundo contemporâneo. (GILROY, 2001, p. 208).

As memórias das populações negras de forma geral demonstram a substituição das lacunas e vazios emergentes dos processos de deslocamentos e colonização, por atitudes/práticas/concepções criativas, baseadas em substituições, composições e ressemantizações.

Aqui, o esforço é de pensar o que as tradições e memórias fazem de nós, mas também, e principalmente, analisarmos o que nós fazemos das nossas tradições e memórias.

Conforme Hall, todos nós somos localizados, nos originamos e falamos de algum lugar, só podemos pensar “dentro de uma tradição”, no entanto isso só será possível se a relação com o passado for concebida criticamente (2003, p.83).

Esse mesmo autor afirma que: “Às vezes nos revelamos mais pelos nossos vínculos quanto mais lutamos para nos livrar deles, ou discutimos, criticamos ou discordamos radicalmente deles.” (2003, p. 84).

O diálogo com as produções de intelectuais negros tem evidenciado para mim a importância desses vínculos – que entendemos como as relações que todos nós mantemos com nossas experiências e memórias – os quais, na experiência histórica das populações negras são fundamentais para (re)construção dessas próprias experiências e memórias.

Souza (2005), a partir da citação de diversos autores que definem a literatura negra, diz que a mesma está mergulhada na experiência de vida dos afro-brasileiros, com a marca das tradições, problemas, situações e experiências culturais que se não são exclusividades dos afrodescendentes, são a eles mais atinentes” (p.69).

Ou seja, o papel da experiência como dimensão mediadora da produção de conhecimentos, uma dimensão fundamental no processo interpretativo dos mesmos, embora não seja uma particularidade dos intelectuais negros, é certamente, bastante intensificado nas suas produções/reflexões.

Essa reflexão faz sentido e se torna mais urgente no atual contexto brasileiro, diante do proposto pela Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nos diversos níveis escolares, considerando conforme orienta suas diretrizes as diferentes experiências, memórias e discursos das populações negras, elegendo os próprios negros como interlocutores indispensáveis para

(re)produção dos conhecimentos, enquanto sujeitos históricos portadores de memórias silenciadas, esquecidas, marginalizadas e estereotipadas.

Intelectuais e Sociedade: Culturas Políticas

A História Social da Cultura trata cultura e sociedade de forma relacional, articulando as experiências e a ação humana como conhecimentos que englobam representações, mentalidades, codificações e recodificações do mundo, o que confere significados e sentidos as histórias coletivas e individuais.

Os Estudos Culturais, enquanto um campo interpretativo transdisciplinar, contribui para mapear a diversidade de tradições e posições de todas as formas de produção cultural, entendendo que qualquer produção cultural deve ser estudada na relação com as outras práticas culturais e com as estruturas sociais e históricas.

Um importante impulso que movimenta os Estudos Culturais é a identificação e a articulação das relações entre cultura e sociedade, eles invocam os domínios simbólicos e materiais, bem como as relações entre os dois.

Trata-se, portanto, de como os entendimentos sobre as tradições e práticas culturais são expressos e são incorporados, de onde e como as pessoas experimentam suas condições de vida, como as definem e a elas respondem.

A pretensão de discutir o lugar do intelectual em relação aos conhecimentos produzidos na relação cultura/sociedade, nos remete inicialmente ao pensamento gramsciano sobre intelectualidade e cultura; pensamento que certamente tem sido referência para a maioria dos trabalhos realizados acerca dos grupos historicamente considerados marginalizados ou/e subalternizados. Para Gramsci:

Cada grupo social, nascendo originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camada de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político (GRAMSCI, 1968, p. 3).

Conforme esse autor, apesar de todos os homens serem potencialmente intelectuais, nem todos desempenham essa função na sociedade. A busca de um único critério que caracterize igualmente quaisquer atividades intelectuais configura-se num erro metodológico, pois não existe um critério intrínseco às mesmas. Somente entendendo o sistema de relações ou o conjunto geral das relações sociais onde essas atividades se encontram, se torna possível caracterizá-las criteriosamente.

Gramsci (1968) chama atenção para o fato de que a elaboração das camadas intelectuais não ocorre num terreno democrático abstrato, mas de acordo com processos históricos tradicionais muito concretos.

Uma outra discussão que me parece bastante relevante para essa reflexão, é a realizada por Bobbio (1997), quando considera o lugar político e de disputa de poder ocupado pela intelectualidade. Para este, os intelectuais sempre existiram como detentores do poder ideológico, por isso, os discursos sobre a morte dos intelectuais, ou sobre o declínio das suas funções, não só é esvaziado de um conteúdo satisfatório, como é improvável na atualidade, quando presenciamos o aumento das sociedades pluralistas e dos meios com os quais o poder ideológico pode se manifestar e se expandir.

Dessa forma não podemos precisar uma unidade funcional na qual o intelectual se identifica e realiza suas atividades, até porque, cultura e política não são necessariamente pólos opostos ou antagônicos no desempenho intelectual, podemos ao contrário disso, afirmar que todo trabalho intelectual se dá dentro de uma determinada cultura política.

Ao se perguntar: “Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres”? O que Joel Rufino dos Santos propõe como uma possível resposta a essa questão na atualidade, é uma posição “localizada” do intelectual, ou seja, que este assuma a condição de “trabalhador da cultura” (SANTOS, 2004).

Para ele, ainda que nem sempre os intelectuais tenham cumprido a regra de permanecerem críticos em quaisquer circunstâncias, sempre assumiram aquilo que podemos chamar responsabilidade social do pensamento.

Ao discutir a relação “pobreza e raça” no mundo da intelectualidade, esse autor sublinhará a solidão histórica dos intelectuais negros brasileiros – tomando como referência trajetórias negras, como as de Lima Barreto e Milton Santos - assumidos nas suas identidades negras, mas de alguma forma apartados dos seus grupos de origem, produtores de importantes saberes, que nem sempre estiveram ao alcance das populações negras ou foram referendados por suas experiências.

Ainda sobre os conflitos dessas experiências solitárias, experimentadas pela maioria dos intelectuais negros de serem uns poucos dissonantes num círculo de intelectuais brancos, hegemônicos nas suas cores e teorias, arrisca-se a afirmar uma constante ambivalência entre o conformismo ou a capitulação e as possíveis traduções ou negociações, onde suas próprias experiências de ser negro acirravam a disputa entre a necessidade de reconhecimento e de enfrentamento.

Nesse caso, parece fazer sentido a afirmação de Said (2005) quando diz que o intelectual encontra-se sempre entre a solidão e o alinhamento e que não tem nenhuma dúvida de que o intelectual deve alinhar-se aos fracos e aos que não têm representação.

Sobre a especificidade do trabalho intelectual e seu papel histórico, esse autor afirma que cada região mundial produz seus intelectuais, e que esses têm desempenhado uma importante função na história moderna, já que, não houve nenhuma revolução ou movimento contra-revolucionário nessa história, sem a presença/interferência dos intelectuais.

Said (2005) diz que se interessa pela figura representativa do intelectual, como alguém que representa um ponto de vista, que articula representações a um público. No entanto alerta para as circunstâncias criadoras do próprio intelectual, suas características pessoais, afetivas – pois só nessas circunstâncias podemos entender a força vital que o constitui.

Intelectuais Negros e Insurgência: Tradições e Memórias “marginais”

Ao refletir sobre as formas de integração nacional do intelectual negro no Brasil, Guimarães (2004), diz que a noção de “embranquecimento” entendida como um processo pelo qual os negros, em especial os intelectuais eram assimilados e absorvidos às elites nacionais brasileiras,

[...] não nos deve fechar os olhos para o fato de que a assimilação à cultura luso-brasileira nunca significou uma simples reprodução da estética e da moral política européias, apartadas do meio mulato, ou seja, uma espécie de esquizofrenia racial; ao contrário, esses artistas e intelectuais tidos como “embranquecidos” foram responsáveis pela introdução, na cultura brasileira, de valores estéticos e de idéias híbridas e mestiças, modificando a vida cultural nacional em direção a um estado em que eles e os meios de onde provieram pudessem se sentir mais confortáveis. (GUIMARÃES, 2004, p. 3)

Nessa reflexão considera que se há uma tradição do pensamento social brasileiro negro, ela é representada por diferentes contextos discursivos, que privilegiaram diversas formas de identificação do negro e de sua inserção no cenário nacional brasileiro. Essa tradição de pensamento negro conseguiu de muitas maneiras, ao longo dos anos, denunciar o isolamento moral e social dos negros, mostrar o país como produto do trabalho negro e colocar a cultura e os costumes dos africanos como base da nossa “cultura popular”, entre outras prerrogativas de igual relevância.

Assim, ao propor esse estudo sobre “intelectuais negros” e suas produções/intervenções intelectuais, o que tenho como objetivo central não é a criação de uma unidade discursiva em oposição ao discurso único oferecido pelos grupos dominantes, mas, é o desejo de reconhecimento de outros lugares e outras coisas, “é o espaço de intervenção que emerge dos interstícios culturais que introduz a invenção criativa dentro da existência” (BHABHA, 2003, p. 29).

WEST (1999) ao descrever os modelos de intelectuais preponderantes na realidade moderna (burguês, marxista e foucaultiano) diz que os intelectuais negros podem aprender muito com esses modelos, tendo uma proposta crítica em relação aos mesmos, desde que, estes não são discursos adequados às singularidades e dificuldades dos intelectuais negros.

Para ele,

A maior prioridade dos intelectuais negros deve ser a criação ou a reativação das redes institucionais que promovam hábitos críticos de alta qualidade para propósitos, primeiramente de insurgência negra. Uma intelligentsia sem uma consciência crítica institucionalizada é cega, e a consciência crítica que não sirva à insurgência crítica é vazia. A tarefa central dos intelectuais negros pós-modernos é estimular, proporcionar e permitir percepções alternativas e práticas que desloquem discursos e poderes prevaletentes. Isso pode ser feito somente por um trabalho intelectual intenso e por uma prática insurgente e engajada. (WEST, 1999, p. 12).

Esse modelo de insurgência não subjaz numa disposição de deferência ao pensamento projetado pelo ocidente, nem numa busca nostálgica dos antepassados africanos, reside, certamente, numa negação crítica, numa preservação inteligente, e numa transformação insurgente, que considera os contextos híbridos e as forças históricas e sociais que o constitui.

Portanto, ao falar em insurgência intelectual, aproximo-me da definição de intelectual de Hooks (1995), que entende o intelectual como alguém capaz de lidar com idéias que transgride fronteiras discursivas, dentro de uma cultura política mais ampla. E que tem como modelo alternativo de intelectualidade possível para o intelectual negro, o modelo da insurgência, como contraponto ao dominante (segundo essa autora, conforme sugere Cornell West). Porém só é possível entender essa “insurgência negra”, se for contextualizada na realidade das circunstâncias concretas que possibilitaram e promoveram o trabalho intelectual.

Esse sentido de “insurgência” também se sente ilustrado nas frases de Fanon: “Não sou prisioneiro da História. Não devo procurar nela o sentido do meu destino. Devo lembrar, a todo instante, que o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção na existência” (FANON, 2008, p.189).

No momento, proponho tomar esse lugar de insurgência intelectual negra, como um significado ainda em aberto, que será interrogado, no sentido de considerar as relações possíveis entre produções de intelectuais negros e (re)configuração dos quadros da memória – numa exposição/reconhecimento das experiências históricas, da cultura, das tradições, das religiões e de todas criações/invenções negras, invisibilizadas e negadas na composição de uma memória histórica dita universal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich; [VOLOCHÍNOV, V. N]. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- BOBBIO, Norberto. *Os Intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: UNESP, 1997.
- FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GILROY, Paul. *O atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- GIRAUDO, José Eduardo Fernandes. *Poética da memória: uma leitura de Toni Morrison*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Intelectuais Negros e formas de Integração Nacional. *Estudos Avançados*. vol. 18 nº 50. São Paulo, 2004.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais*. SOVIK, Liv (org.) Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HOOKS, Bel. Intelectuais Negras. In: *Revista Feminista*. V. 3, nº 2, Rio de Janeiro: IFES/UFRJ & PPCCIS/UERJ, 1995.
- KI-ZERBO, Joseph. *Para quando a África?* Entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- MARTINS, Leda Maria. A oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SAID, Edward W. *Representações do Intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *Épuras do Social – Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. São Paulo: Global, 2004.
- SOUZA, Florentina. Literatura Afro-Brasileira: algumas reflexões. In: *Revista Palmares – Cultura Afro-Brasileira*. Ano 1 – Nº 2 – Dezembro 2005.
- WEST, Cornel. “*The dilemma of the Black Intellectual*”. In.: *The Cornel West: reader*. Basic Civitas Books, 1999, p. 302-315. (Tradução e notas de Brulino Pereira de Santana, Guacira Cavalcante e Marcos Aurélio Souza).